manchete

Diário Notícias

11-09-2015

Periodicidade: Diario
Classe: Informacão Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 56361
Temática: Cultura
Dimensão: 1132
Imagem: S/Cor
Página (s): 39

Casa da Música faz estreia mundial de ópera sobre Giordano Bruno

Música. *Giordano Bruno*, sobre o grande intelectual da segunda metade do século XVI, escrita pelo italiano Francesco Filidei, estreia amanhã na Sala Suggia. Remix Ensemble junta-se a elenco internacional, sob a direção de Peter Rundel

BERNARDO MARIANO

DIREITOS RESERVADOS

Depois do Porto, *Giordano Bruno* já tem récitas marcadas para Estrasburgo, Reggio Emilia, Milão, Paris e Caen. E outras surgirão

"Para mim, como italiano e como toscano, terra de Puccini, de Mascagni, de Catalani, a relação com a ópera existiu desde sempre", começa por explicar Francesco Filidei, 42 anos, sobre *Giordano Bruno*, a sua primeira ópera, que amanhã estreia no Porto. Mas outra hereditariedade, digamos, guardou na memória e veio a marcar a sua atitude face à música-som: "A minha avó era sarda e lembro-me de ter ido ao seu funeral e de como havia um ritual comunitário de gritar e bater no caixão. A expressão estilizada de uma dor telúrica, de imensa força!" Assume *Giordano Bruno* como "síntese forçosa" dessas marcas e "de quanto fiz até agora". Um "ponto de chegada, que se fará ponto de partida – ou assim o espero!", conclui, rindo.

"O Francesco estava no meu 'radar' há vários anos, vinha seguindo a sua obra e quando, num encontro casual, soube do seu projeto de escrever uma ópera, interessei-me logo e tratei de encontrar parceiros", explica António Jorge Pacheco, diretor artístico da Casa da Música. A estreia mundial ser no Porto explica-se porque "o nosso principal parceiro é o T&M de Paris e eles não têm nem sala fixa, nem corpos artísticos, pelo que foram essencialmente razões de ordem prática que determinaram que a estreia se fizesse aqui".

Tudo partiu da "imagem de Bruno na fogueira, o 'animado' fundindo-se com o inanimado [a madeira] nas cinzas", diz Francesco.

Giordano Bruno estrutura-se em 12 cenas; e dois planos: "num é exposto o pensamento científico de Bruno e as suas reflexões; o outro, diacrónico, acompanha o percurso desde a sua prisão ao seu suplício". Neste último pontificam, além de Bruno, dois inquisidores e Clemente VIII, papa na altura: "trabalhar as vozes líricas foi uma questão que me coloquei nesta obra e, aí, o recurso à herança do gregoriano foi importante, porque tão ancestral é como vocalidade que é sempre atual".

O Papa está bastante presente, "mas só canta três minutos. Quis resguardá-lo e fazer da sua intervenção uma pedra preciosa. Ele é um contratenor e escrevi uma ária florida, virtuosística e difícil".

A citação também entra em jogo: "além do *Dies irae* gregoriano, há fragmentos de Palestrina, de duas canções medievais, de cantatas de Bach e muitos 'madrigalismos', sobretudo nas partes instrumentais e, um pouco, no coro".

As palavras "estrutura" e "forma" – "é para mim tudo!", há-de dizer, pois é "análoga ao percurso vital" – são recorrentes no discurso de Filidei, mas também a sua antítese: "para mim, o construído na música culmina sempre numa destruição, pois o demasiado construído perde o interesse – é preciso superar essa beleza e torná-la agressiva para que nos interpele, nos desconforte". E em *Giordano Bruno* esse momento é a penúltima cena: vemos Bruno na fogueira e a música é um "buraco negro" onde toda a luz precedente converge: "é um trabalho de memória – outro tema em que Bruno se notabilizou – e há aí uma oposição de base entre vida, som e cor, por um lado e morte, ruído e o preto/branco, por outro". No final, na cena seguinte, "ouvimos um texto poético belíssimo de Bruno e um único som: um sino afinado na mesma nota que abre a ópera". Na sua leitura, esse som solitário é "um gesto de vida, por ser dotado de cor, e um gesto de morte, pela cadência com que bate".

Francesco espera que "compreendam a minha música", na qual se misturam "o sabor tonal, o modal e o serial", mas "o que conta é o 'quadro' [resultado global] e é preciso que a moldura [elementos constituintes] se converta ela própria no quadro". E a imagem será em última análise a dele próprio: "Eu estou em tudo quanto escrevi nesta ópera, dela transparece o sentido profundo de mim próprio. Desta vez, não usei qualquer máscara!"

No "histórico" lírico da Casa da Música (desde o nascimento do projeto) consta uma ópera de tema semelhante: *Vreemde melodieën/ Melodias Estranhas*, de António Chagas Rosa, centrada no processo da Inquisição contra o humanista Damião de Góis (2001, Roterdão; vista no Porto logo depois). E uma outra ainda partilha esta época de intolerância: *Massacre*, de Wolfgang Mitterer, sobre a matança dos huguenotes (Paris, 1572).

Deste *Giordano Bruno*, António Jorge Pacheco já foi espreitar os ensaios e confidencia: "a música é fortíssima, extremamente original, muito imaginativa". Daí que esteja certo de que "depois da estreia, haverá ainda mais teatros com vontade de mostrar esta ópera!"

A FIGURA

Livre é o pensamento e a sua expressão

› Originalmente um frade dominicano, Giordano Bruno afastou-se progressivamente da Ordem. Destacou-se enquanto filósofo, matemático e cosmólogo, adquirindo reputação europeia pelos seus ensinamentos e pelos seus livros. Viajou por quase toda a Europa Ocidental (evitando as inquisições ibéricas...), ensinando em várias universidades e academias. Após 16 anos fora, volta a Itália (Veneza), em 1592, e alguns meses depois é denunciado à Inquisição local. Desta é transferido para a romana. O julgamento prolonga-se até finais de 1599. Morre na fogueira a 17 de fevereiro de 1600, no Campo de Fiori (Roma).

GIORDANO BRUNO

Música: Francesco Filidei
Direção musical: Peter Rundel
Encenação: Antoine Gindt
Cenografia: Elise Capdenat
Figurinos: Fanny Brouste
Desenho de luz: Daniel Levy
Intérpretes: Lionel Peintre (Giordano Bruno), Jeff Martin (1.º Inquisidor), Ivan Ludlow (2.º Inquisidor), Guilhem Terrail (Clemente VIII), Coro T&M, Remix Ensemble
Amanhã, às 21.00, Sala Suggia
Bilhetes dos 11,25 aos 15 euros
Língua: italiano (legendas em português)